**CAPÍTULO VI – A VOLATILIDADE DO MERCADO: OPORTUNIDADE**

**OU PREOCUPAÇÃO?**

Chegados que somos a este sexto capítulo, vimos que, embora tenhamos trilhado apenas cinco episódios, fizemos progressos importantes rumo ao nosso objetivo. Aos poucos, mas com segurança e eficiência, chegaremos até onde nos propusemos.

Neste capítulo iremos responder em definitivo a uma questão que é frequente em nossa área de trabalho, principalmente para quem está há pouco tempo em contato com o mercado de capitais, pois causa-lhes uma certa preocupação a instabilidade que existe neste segmento, a qual, na realidade, se assemelha mais a uma volatilidade, situação que é própria do sistema e com a qual, por lhe ser inerente e constante, iremos nos acostumar rapidamente, tão logo aprendamos a lidar com suas particularidades.

E uma dessas particularidades, que percebemos logo, diz respeito ao curto, médio e longo prazo, pois vemos que aquela volatilidade que nos causou preocupação, tem uma variação diretamente proporcional a esse prazo, ou melhor, nós a percebemos com intensidade variável quando a observamos no curto, ou no médio e ou no longo prazo, através de um bom gráfico.

Quem já tiver lido nosso recém-lançado livro Bolsa de Valores Para Iniciantes, não terá mais essa dúvida, que pode ser colocada também com esta pergunta: por que, num mesmo pregão da Bovespa, (leia-se curtíssimo prazo) algumas ações apresentam valorização e outras se desvalorizam? A principal razão para que isso ocorra é o desempenho, ou a performance, das empresas das quais se originam esses papeis, razão à qual deve-se acrescentar algo que é bem simples e também característica do sistema onde estão inseridos os ativos, a lei da oferta e da procura, que é uma lei universal e vale para todo e qualquer tipo de situação onde haja oferta e demanda, como no comércio, o que é facilmente observável no exemplo de vários dos produtos que se pode adquirir em locais próprios, como, a laranja baiana, nos supermercados, e um Camaro amarelo, numa concessionária de veículos de luxo.

Se houver maior oferta do que procura, ou seja, se existirem mais pessoas vendendo do que comprando aquele produto, o vendedor acaba tendo que baixar seu preço, pois a concorrência estará acirrada e se ele não fizer isto sua mercadoria pode encalhar, enquanto a do seu vizinho, que adequou seu preço à demanda, vai vender muito. Se a situação for inversa, isto é, caso haja maior demanda que oferta, o preço vai subir, certamente. Esta lei presta-se principalmente à regulação dos preços praticados nas diversas áreas onde seja compatível.

Além desta, há outras leis que, no que se refere à Bovespa, incidem sobre o comportamento dos ativos nela negociados, leis que derivam de especificidades que podem dizer respeito a cada um desses ativos, como uma boa ou uma má notícia, seja real ou simples boato, que podem influenciar positiva ou negativamente a cotação de uma ou mais ações, a divulgação de um balanço mostrando um resultado muito bom no período, a ampliação da capacidade de produção da companhia, assim como uma série de circunstâncias que tenham esse potencial de afetar a apenas uma ação, isoladamente, ou simultaneamente a todo um setor de atividade.

É bem comum que recebamos mensagens ou telefonemas de nossos alunos ainda iniciantes, dizendo “minhas ações estão caindo, que é que eu faço?”, ou “Edu, meus papeis estão em alta, que é que eu faço?”. Duas situações, mas a mesma dúvida. Essas oscilações do mercado de capitais fazem parte do sistema, como já dissemos, aliás, elas são para o sistema como é para nós o ar que respiramos, vital, como simbolicamente podemos imaginar ao vermos um painel eletrônico que espelhe em tempo real essas oscilações, traduzidas num frenético, intenso e interminável pisca-pisca de luzes coloridas.

O simples fato de que um papel esteja com sua cotação em baixa, não significa, por si só, que não seja de uma boa empresa, pois aquele é um instantâneo daquele momento, daquela hora, ou daquele dia, e o inverso, com a cotação em alta, por si só também não quer dizer que se trate de um ativo “acima de qualquer suspeita”. Eu costumo generalizar situações que tais com o óbvio ululante proposto por Nelson Rodrigues, como na frase “a ação está com sua cotação em queda porque há mais vendedores que compradores, e, se estiver subindo, será porque haverá mais compradores que vendedores.” Aqui também é a lei da oferta e da procura em ação, embora neste nosso caso e em todos os casos semelhantes, há que se analisar caso a caso. Por exemplo, tal empresa está com suas ações em alta porque divulgou um balanço muito bom, e, o inverso, já aquela outra companhia publicou um balanço muito aquém do esperado. A diferença, neste caso específico, pode estar na gestão de ambas as empresas ou em várias outras circunstâncias.

O mercado é irracional, e, no curto prazo, ele vai para cima e vai para baixo, comportamento que, como já observamos, é inerente ao sistema, tanto para um papel que consideremos bem-conceituado. quanto para um que não desfrute desse prestígio conosco. Se dispusermos do gráfico referente ao comportamento acionário de uma empresa de bom padrão, iremos verificar que no decorrer de uma semana haverá nele muitas oscilações, se abranger um mês teremos menos, mas ainda muitas variações. Já aos 6 meses perceber-se-á uma pequena curva ascendente, uma tendência de alta, que ainda se mostrará tímida nos 12 meses, embora ascendente. Porém, quando se aproximar dos 10 anos o gráfico mostrará uma linha reta ascendente e bem mais inclinada, demonstrando alta consistente e persistente do papel.

Costumo dizer, também, que a bolsa sobe caindo, sendo que nenhum ativo vai subir ou cair em linha reta, a não ser em casos excepcionalíssimos, ficando descartada a existência de queda infinita, Se houver uma situação de queda ou de alta significativa nas cotações, no curto prazo, fiquem tranquilos pois que certamente irá ocorrer o que chamam de correção, algo também inerente ao sistema, que acontece assim meio que automaticamente. Se eu não fosse ficar parecendo um místico juramentado, o que pegaria mal, ousaria dizer que desconheço se há uma explicação lógica e racional para essa correção, mas que na Espanha há uma frase popular, de Miguel de Cervantes, criador do Don Quixote de la Mancha, que pode ter a ver com este enigma, e que diz “Yo no creo em brujas, pero que las hay, las hay”, a qual traduzida significa “Eu não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem!”. Ouça quem tiver ouvidos de ouvir.

Há que se tomar cuidado, investidores, para, quando em momentos de euforia ou de crise, não cedamos à síndrome de comprar, se for euforia, ou de vender, se for crise, incentivados de forma até irresponsável por uma mídia dos investimentos, que faz um tremendo carnaval, pois este seria o comportamento exatamente contrário ao que aconselharíamos. Se o investidor não estiver preparado e tampouco possuir os conhecimentos que estamos compartilhando neste livro, poderá até se dar mal ao acreditar numa queda ou numa alta infinita e agir em conformidade com essa visão, com a qual não pactuamos, embora reconheçamos não sermos os donos da verdade. Não será melhor aguardar mais um pouco?

Às vezes vemos programas jornalísticos da TV ou de portais da internet, em que especialistas da área, ao responderem à questão do porquê tal ativo caiu, descobrem que, por exemplo, a empresa em questão, que vende carne para um país asiático, reconheceu a existência de uma vaca doente em seu plantel aqui no Brasil, tendo os potenciais compradores suspendido todas as importações do produto. Embora não faça muito sentido adotar medidas radicais, no caso a suspensão das importações, eles fazem isso e as ações do setor, não apenas as da empresa atingida, despencam, parecendo que foi constatada uma epidemia que vai dizimar a boiada. Alguns dias depois, após algumas marchas e contramarchas, de repente está tudo certo, voltam as exportações, as ações retornam a seus patamares habituais. Já vimos esse filme várias vezes por aqui, parece algo um tanto quanto irracional, mas é assim que acontece.

Decorrido algum tempo após essa ocorrência, que é hipotética, outro pais daquela área divulga os números demonstrativos de seu PIB, com queda no crescimento não prevista pelos mercados, e que significa redução no ritmo das construções e consequentemente menor importação de minério de ferro do Brasil. E as ações das nossas mineradoras e até das siderúrgicas despencam, porque o mercado esperava o número 7 e saiu um número 6. Simples e irracional assim.

Momentos de queda generalizada ou setorial, na Bovespa, convertem-se em oportunidades para comprarmos bons ativos a preços menores, o que é o lado compensador dessas crises. Por exemplo, sem que constitua recomendação de compra, venda ou manutenção de qualquer papel, um outro país, do velho mundo, por problemas internos provoca a queda da cotação das ações da mineradora brasileira que é uma das maiores do planeta, geradora de lucros e proventos constantes e consistentes, o que se transforma em um momento único para se aproveitar e comprar seus papeis, tipo de investimento top de linha. Algum tempo depois aquele mesmo país divulga ter recuperado suas melhores condições, com números acima dos que o mercado aguardava, quem comprou, comprou, quem não comprou não compra mais e as ações disparam para além de suas cotações anteriores.

Chega então a hora da empresa exportar muito minério de ferro, crescer muito, ficar super recomendada por todos os analistas, ter sua cotação nas alturas e pronta para ser adquirida pelos retardatários de plantão, por no mínimo 10% acima do valor que custava na crise. O investidor que esteja frequentando um de nossos cursos, ou já tenha passado por algum deles, certamente aproveitou a oportunidade e fez um bom negócio. Vivendo e aprendendo.

Outro ícone do mercado, de que sempre gostamos foi o Sr. Benjamin Grahan, que ficou famoso pelas teorias que tinha sobre a irracionalidade do mercado. Segundo essas teorias de tempos em tempos o mercado apresenta preços de ações irracionalmente altos ou baixos, e o investidor atento constata que realmente a ação de determinada empresa está muito barata. Algo do tipo aconteceu há algum tempo com os papeis de um Banco, do qual o sistema resolveu começar a falar, a comentar, e sua cotação foi lá para cima. Mas não havia fundamento concreto para esse movimento, era irracional e artificial a alta do papel, assim como foi também irracional quando o preço começou a cair em queda livre e despencou do pedestal a que havia sido alçado. O investidor consciente assistiu à distância tentando entender o que estava acontecendo, mas desistiu.

O que nos faz recordar a atuação de famoso apresentador da TV local, especialista em programas calcados no noticiário policial ou catastrófico, que à medida que narrava o que as imagens mostravam, costumava fantasiar a reportagem e inventar estarem acontecendo situações que, embora não verídicas, adaptavam-se ao que era mostrado na telinha, tudo em benefício de manter e aumentar a audiência da programação. Isso nos remete a apresentadores de programas econômicos, que também fabricam hipotéticas notícias com que buscam interferir na cotação de ativos de seu interesse. Esses tipos de fake News podem chegar a nós, investidores, travestidos de informações dignas de fé, e nos levarem a cometer enganos lamentáveis. É mais um item a que devemos dedicar nossa atenção, enquanto nos consideremos aptos a cuidar de nossas vidas.

Dizem os entendidos que aproximadamente 50 por cento dos clientes da B3 são estrangeiros, capitalistas donos de fortunas imensas, que formam grandes grupos e giram o mundo, investindo aqui hoje, amanhã nos Estados Unidos, depois sabe-se lá onde, mas sempre em busca do lucro. É o capital especulativo, que busca o lucro apenas e nada mais, que se contrapõe ao capital produtivo, o qual se estabelece no País e, embora também procure ter seu lucro, o faz por caminhos não predatórios, racionais e legítimos.

Esses grupos, quando deixam temporariamente nosso país, em busca de mais rentabilidade para seus capitais, vendem seus ativos e como o volume é bem expressivo, provocam sequelas nas cotações, que normalmente são reajustadas para baixo, o que gera oportunidade de bons negócios.

Em novembro do ano 2.000, por um valor superior a 7 bilhões de reais, um banco europeu comprou um grande banco brasileiro, num negócio que constituiu o maior valor já pago em negócios daquele tipo no Brasil até aquela data. Perguntado sobre qual era o objetivo do seu Banco em terras brasileiras, seu Presidente, em entrevista ao vivo, foi categórico ao afirmar “Ganhar muito dinheiro”.

Vimos que as cotações dos papeis na Bovespa não refletem necessariamente o valor real a que deveria estar sendo cotada a ação, embora o normal seja que haja assimetria entre cotação e valor da empresa. Benjamin Graham sempre ressaltou que a cotação de um papel acompanha o resultado financeiro da empresa, tanto no lucro quanto no prejuízo e, portanto, podem os interessados ficar tranquilos quanto a essa relação.

À época do Governo Dilma, a economia brasileira Brasileira sofreu bastante, era possível comprar ação que valia 50 reais por 20, muita gente abdicou da condição de investidor e assumiu sua porção especulador, trocou o longo pelo curto prazo e foi um salve-se quem puder. Alguns se deram bem com essa estratégia, muitos quebraram a cara e amargaram prejuízos. O investidor consciente certamente manteve a calma e, tranquilo, aproveitou-se das oportunidades da ocasião.

Situação conturbada vivemos também quando aconteceu a pandemia do coronavírus, em que a Bovespa precisou, durante um pregão, lançar mão, por três vezes, de procedimento radical chamado Circuit Breacker, que em português significa disjuntor elétrico, mecanismo utilizado em situações de crise, com queda descontrolada do Ibovespa, quando os controladores da B3 suspendem os negócios inicialmente por 30 minutos, quando a queda do índice chega a 10 por cento, e aumentam a suspensão para 60 minutos, caso a queda persista após a reabertura, podendo chegar, se necessário, à interrupção definitiva dos negócios naquele dia, caso não se consiga amortecer e rebalancear as ordens de compra e venda, e assim evitar que operações sejam feitas descontroladamente, por impulso ou medo, que causa o efeito manada, o qual se assemelha ao “estouro” de uma boiada, totalmente irracional.

Muitas pessoas se mantiveram tranquilas, administrando com coerência a situação, certas de que após a tempestade viria a bonança, não aderiram ao efeito manada, aproveitaram a queda generalizada das cotações para comprar ações a preços bem descontados, numa atitude correta naquele cenário. E muita gente acabou ganhando muito dinheiro com a crise, como também muitos tiveram que amargar severos prejuízos. Faz parte das circunstâncias que não podemos controlar,

E, como diz o velho ditado “Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca acabe”, em breve tudo volta ao normal, é a vida que segue, a fila volta a andar, o homem sério que contava dinheiro retoma sua rotina, a namorada volta a contar estrelas, mas a rosa triste insistiu e se abriu, como, inspirada e elegantemente, nos sugeriu Chico Buarque em sua premiada A Banda.

Às vezes vemos algumas discussões, pequenas briguinhas pela internet, onde um fala que o preço dos ativos não importa e o outro diz o contrário, que importa sim e muito, opinião da qual compartilhamos, pois quanto menor for o preço que pagarmos na compra de um papel, melhor. A não ser que esse posicionamento de quem achou que o preço não importa, tenha a ver com dividendos, pois quando este seja o foco, a ênfase de nossos negócios deve ser os proventos, pois que são eles, os proventos, que pagam nossos boletos e cobrem nossas outras despesas, razão pela qual muita gente, como nós mesmos, buscamos por uma renda passiva que nos proporcione a tão sonhada liberdade financeira.

Apenas para exercitarmos nossa imaginação, vamos supor que chegou ao país uma nova pandemia, tudo virou uma loucura, um caos. Aliás, convém que tenhamos consciência de que situações de crise são constantes no mercado financeiro brasileiro, elas sempre acontecem, pelas mais diversas razões, principalmente políticas, pelo que convém que estejamos sempre alertas a esse respeito.

Não há como precisar quando, mas que novas crises virão é absolutamente certo. Mas, agora que já sabemos deste detalhe, bem como elas transcorrem e os efeitos que provocam, podemos passar por elas com muito mais desenvoltura, sem medos, mantendo nossos investimentos, enfim, como dizia minha avó, “carregando nossa cruz com classe”. Porque, sabemos todos, em algum momento a sociedade vai se reestruturar, começar de novo, dar a volta por cima e tudo voltará a ser como antes, ou melhor.

Então, sabedores que somos dessas ocorrências, vamos, em situações atípicas, de crise, ou em que se anuncia o fim do mundo, mantermo-nos calmos, atentos e com domínio da situação, fazendo nossos investimentos com segurança e critério, sem nos deixarmos levar por qualquer tipo de síndrome. E vamos sair do outro lado livres, leves e soltos. E também porque, se o mundo acabar, não há nada que possamos fazer a respeito, de nada adiantará vendermos nossos papeis, mas se o mundo não acabar, o que é o mais provável, estaremos felizes por não termos cedido à síndrome do efeito manada.

Recentemente alguém da minha consultoria me passou uma mensagem dizendo: Du, você leu sobre o que o economista alemão falou a respeito da conjuntura econômico-financeira brasileira atual? Eu já havia tomado conhecimento do inteiro teor do pronunciamento do especialista, e o havia classificado como terrorismo virtual, o qual pessoas desavisadas tomam como verdade inconteste unicamente por estar assinado por alguém que ostenta o título de “economista alemão”. Ora, eu nem sei quem é essa pessoa, tem lá escrito o nome dele, algo como Hans Fritz alguma coisa, para mim ilustre desconhecido.

Pode ser que se trate de uma pessoa mal-intencionada, às vezes sem qualquer conhecimento da área sobre a qual está opinando, tendenciosa ou bairrista. E pode ser também uma boa pessoa, que apenas esteja equivocada quanto a conveniência, ou não, de se manifestar publicamente sobre o que acontece em outro País. Porém, se um grupo considerável de investidores der crédito às opiniões do citado economista, e estas forem negativas, pode resultar numa queda do índice Ibovespa que, sensível como é, não precisa de muito para estremecer.

Porque, gente, estou para ver algo mais sensível que o índice da B3, pois se o ministro disser algo inconveniente, mesmo que não seja tão inconveniente assim, é motivo para uma queda na cotação dos papeis; se o presidente der um espirro numa cerimônia, poderão interpretar que ele esteja com uma pneumonia dupla ou tripla, e o índice pode cair vertiginosamente. Assim, para não causar alvoroço entre os investidores de plantão, essas autoridades têm que andar como se estivessem pisando em ovos, medir o alcance de cada palavra que pronunciarem, a conveniência de cada opinião que externarem etc. Existe uma palavra para esse tipo de comportamento...

O setor econômico é o mais visado, mas não é o único a ser alvo de manifestações inconvenientes, desencontradas, desvinculadas da realidade. A agricultura, pecuária, mineração, ecologia estão, entre outras, sempre como as mais citadas, alvos de comentários de articulistas que desconhecem como interpretar muitos dados do que vêm, e se se lançam a isto muitas vezes apresentando uma versão dos fatos conduzida para interesses nem sempre legítimos.

Há economistas e muitos outros profissionais de grande competência, lisura, transparência e honestidade, no Brasil e em todos os países. Existem, porém, alguns que destoam dessas classificações e se comprazem em atrapalhar a vida de quem está trabalhando decentemente. Desse último naipe de pessoas não podemos ter suas falas ou escritos como verdades absolutas, razão pela qual é tão importante que saibamos fazer nossas próprias análises e tirarmos nossas próprias conclusões, para não dependermos de que o façam por nós e sejamos induzidos a erros de que não sabemos quais serão as consequências.

A diversificação de nossos investimentos é fator preponderante para que tenhamos sucesso, diversificação essa que deve se referir a vários aspectos do mercado financeiro, com a finalidade de que tenhamos mais segurança e condições propícias a que atinjamos nossos objetivos. Para começar, definamos que iremos investir em renda variável, ações e fundos imobiliários. Onde iremos atuar? Brasil e Estados Unidos são as melhores opções. Quais tipos de ações? De setores perenes, de empresas sólidas e bem administradas, que estejam há mais de 5 anos listadas em Bolsa de Valores, como bancos, elétricas, de saneamento, seguradoras. Quais tipos de fundos imobiliários? De tijolos, de shopping centers, de lajes corporativas, de galpões logísticos, de papel.

Lembremo-nos de que a diversificação é necessária, mas deve se ater a um número adequado de empresas, para que não pequemos nem pelo excesso, pulverizando em demasia nossos recursos, e tampouco pela escassez, para que não nos limitemos a ponto de ficarmos vulneráveis. Indispensável façamos periodicamente um rebalanceamento de nossa carteira de investimentos, de modo a mantê-la equilibrada no que se refere ao valor investido em cada ativo, que deve ser mais ou menos o mesmo, ou seja, distribuir o valor disponível equitativamente entre nossos ativos, evitando aplicar 20 mil em um e 5 mil em outro, preferindo, neste caso, doze mil e quinhentos reais em cada papel. É a este rebalanceamento e equilíbrio que estamos nos referindo.

Equilíbrio que deve estar presente, também, no quanto de seu capital destinar ao investimento em ações e quanto a fundos imobiliários, que sugerimos seja 50 por cento em cada espécie. Digamos que o investidor disponha de 60 mil reais, caso em que o ideal seria que destinasse 30 mil a ações e mais 30 mil a fundos. Os 30 mil destinados a ações dividiria em 5 cotas de 20 por cento em 5 ações de diferentes empresas e setores e usaria o mesmo critério para os Fundos Imobiliários.

Toda essa estratégia, esse planejamento, darão ao investidor muito mais segurança e proteção contra a volatilidade, problema de que falamos logo nas primeiras linhas deste capítulo, volatilidade que, como demonstramos, acaba se transformando em nossa amiga e aliada. Amém!